

ABDULAI SILA NO CONTEXTO DAS LITERATURAS BISSAU-GUINEENSES

Suely Santos Santana¹ (UNEB)

RESUMO

As lutas pela independência e sua concretização em muitos países do continente africano devem muito às narrativas literárias. Essas narrativas vem alcançando um lugar, ainda que não satisfatório, mas bastante significativo no cenário internacional. Entretanto, no que diz respeito às literaturas da Guiné-Bissau é possível de se notar que ainda há um hiato. O texto a seguir aborda uma das literaturas da Guiné-Bissau através de um de seus representantes, o escritor Abdulai Sila, considerado como autor do primeiro romance bissau-guineense, já que, até então, esse gênero havia sido escrito por autores situados na era colonial e não eram filhos daquele país.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Abdulai Sila; África; narrativas literárias

ABSTRACT

The struggles for independence and its implementation in many african countries owe much to literary narratives. These narratives has achieved a place, though not satisfactory, but very significant in the international arena . However, with regard to Guinea-Bissau 's literature it is possible to note that there is still a gap . The following text addresses one of the literatures of Guinea-Bissau through one of its representatives, the writer Abdulai Sila, regarded as author of the first novel Guinea Bissau. Thenceforth, this literary genre had been written by authors situated in the era colonial and were not born in that country.

Keywords: Guinea-Bissau; Abdulai Sila; Africa; literary narratives

INTRODUÇÃO

Mas quando é que alguém já ouviu uma passada sem um bocadinho de sal? Isso existe? Quando uma pessoa conta uma passada, ou põe o sal dele ou vomita o sal da outra pessoa que lha contou antes. Agora, contar passada sem pôr sal, sem um bocadinho só, não se sabe onde é que isso existe [...]
Abdulai Sila

Iniciar este texto com uma epígrafe do escritor Abdulai Sila, referindo-se a “passadas”, e em tom coloquial tem o sentido primeiro de apresentá-lo como sendo um escritor africano que escreve em língua portuguesa, sem, no entanto, desconsiderar a tradição oral africana. Portanto, desde já, aponta-lo como um autor que valoriza as línguas locais e a sabedoria milenar, as quais só são possíveis através dessa tradição.

Sila confere importância singular às passadas e aos *gritos*, estes como guardiões das tradições, e, com isso, tenta dar conta de um território multiétnico e plurilinguístico. O que significa dizer que o autor, como grande parte dos escritores africanos, notadamente os que fazem literatura em língua portuguesa, receberam uma educação de estilo ocidental, o que, em grande parte, justifica uma relação que pode ser classificada como ambígua, já que estes escritores estão entre o mundo de seus antepassados e o mundo dos países industrializados, e é esta ambiguidade que lhes caracteriza e localiza suas literaturas.

Essa epígrafe é importante também porque pode ser lida como uma maneira de o escritor dizer, em tradição oral, uma “tradição viva”, que as histórias são contadas sempre conforme “o sal” ou a visão e interesses de quem conta e, portanto, nem sempre correspondem à verdade ou, então, não constitui-se como uma verdade, mas, ao contrário, como uma das verdades.

As histórias divulgadas sobre o continente africano e suas populações foram temperadas com um “sal” da qualidade e na quantidade que interessou ao mundo ocidental, conforme seus projetos de dominar terras e povos desconhecidos. O “sal” utilizado nessas criações vem temperado com forças de poder e de dominação do ocidente. Nesse sentido, a visão que o mundo ocidental propagou acerca de África ainda tem muito desse “sal” e, como diz a epígrafe acima, se não existe “*passada* sem um bocadinho de sal”, muitas histórias acerca da África estão carecendo do “sal” como tempero colocado pelas próprias populações africanas.

É pensando no “sal”, ou nas verdades que foram divulgadas sobre o continente africano e suas populações que é apropriado trazer as considerações de Edward Said (1999) quando afirma que as narrativas literárias no mundo do império colonial tiveram um importante papel na difusão e divulgação do racismo e dos estereótipos com relação aos colonizados, sobretudo, os povos africanos, pois “Não creio que haja grupos humanos que tenham sido mais inferiorizados do que os negros” (KI-ZERBO, 2009, p. 32). Estes, pelo menos no mundo moderno ocidental, foram representados na sua literatura de modo a sustentar o estigma de inferior e o lugar demarcado para a sua existência e de seus descendentes. Suas representações por essas literaturas, na grande maioria das vezes, foram desprovidas de feições e valores humanos, reforçando, assim, uma hegemonia eurocêntrica e constituindo-se como mais uma temática ditada pelas circunstâncias da história ocidental, branca e patriarcal, que, assim, justificou a dominação e a sujeição desses povos. Isto confirma o que postula Said (1999), ao afirmar que dentre as diversas formas de dominação sobre povos considerados “bárbaros” e “primitivos”, o discurso literário teve um papel marcante, já que foi enunciado com uma carga significativa de estereótipos depreciativos que visaram justificar a dominação.

Sendo o estereótipo uma imagem preconcebida de determinado lugar, pessoa, objeto, situação, ele fixa o indivíduo numa certa posição que, de tanto ser repetida, se transforma em verdade absoluta, em que não cabem dúvidas nem questionamentos (BHABHA, 1998). No caso específico das populações africanas, é uma imagem dada como verdadeira e que passa a ser a forma de se perceber o outro de modo tal que retira da alteridade a condição de apresentar características diferentes de outros indivíduos do mesmo grupo étnico-social, no caso, as populações africanas.

Homi Bhabha (1998) ensina que o discurso estereotípico é produtivo a ponto de carregar uma dimensão que se materializa no ser subjetivado e cria uma “realidade”. É repetitivo e promove uma estabilidade acrítica, arrogando-se ao direito de dizer em poucas palavras o que o outro é, a partir de uma estratégia discursiva que considera as diferenças culturais, históricas ou raciais como características, não apenas negativas, mas também fixas.

Se é verdade que os discursos sobre o continente africano e as suas populações ainda sustentam a depreciação desses povos, sendo a “África condenada ao papel de espaço periférico da humanidade, além de considerada desprovida de interesse para a civilização, seria igualmente alheia a ela” (ANJOS, 1989, p. 14). Não é menos verdade que, também nas representações literárias, reiteradamente, imagens degradantes de África e seus habitantes vêm sendo proliferadas ao longo dos séculos, de forma tão insistente e pedagógicaⁱⁱ que passaram a estatuto de verdade.

As narrativas sobre África e os africanos, em consonância com as ações do colonialismo, primaram por construir no imaginário social coletivo a ideia de um lugar habitado por povos “inferiores”, “bárbaros”, “indolentes”. Tal suposição, entretanto, não se limitou apenas a essas classificações, ao contrário, constituiu-se apenas como desencadeadora das mais extraordinárias concepções acerca de África e de seus habitantes.

Retomando Said (1999, p. 23) em *Cultura e imperialismo*, não é que os escritores tenham uma relação mecânica e determinada pelos diversos aspectos de sua história, mas eles “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essas histórias e suas experiências sociais em diferentes graus”.

Ainda que se atribuam as pré-noções, os estereótipos, os preconceitos, como divulgados pelo mundo ocidental, a um desconhecimento, a perpetuação e longevidade das narrativas atestam que, para além de uma difusão equivocada de conceitos e características relativas a essa população, os discursos sobre o continente africano constituem-se como parte integrante da ação europeia de dominar terras e povos distantes. Pode-se considerar o desconhecimento como o motivador inicial, entretanto, a concepção acerca do antes desconhecido, passa da ignorância

à intolerância para com as diferenças culturais, sociais e físicas, aliada a uma rede de interesses religiosos e político-econômicos. Em outras palavras, o discurso colonial, eurocêntrico acerca do continente africano e dos povos que nele habitam foi construído conjuntamente pelos poderes religiosos e político-econômicos e resultou em depreciação e exploração. Para Amílcar Cabral,

[...] o domínio colonial imperialista tentou criar teorias que, de fato, não passam de grosseiras formulações do racismo e se traduzem, na prática, por um permanente estado de sítio para as populações nativas, baseado numa ditadura (ou democracia) racista (CABRAL *apud* COMITINI, 1980, p. 56).

Se é verdade que as narrativas literárias, particularmente o romance, serviram e servem aos propósitos do poder e “estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo” (SAID, 1999, p.13), também constitui-se verdade incontestável que, por outro lado, elas se tornam o método utilizado pelos povos colonizados para afirmarem sua identidade e a existência de uma história própria deles. Isto é, em todos os lugares do mundo em que houve dominação imperial, as narrativas também serviram para que os povos se mobilizassem para acabar com essa sujeição.

As lutas pela independência e sua concretização em muitos países do continente africano devem muito às narrativas literárias. Não é demais lembrar que uma das características de algumas das literaturas africanas – notadamente as de língua oficial portuguesa – incide sobre a resistência ao colonialismo e às consequentes lutas de libertação nacional. Após as lutas de libertação, no pós-independência, se não todas, ao menos grande parte dessas literaturas têm como uma de suas marcas a denúncia, a qual se mistura ao questionamento dos novos poderes, tendo em vista que estes se assemelham, sobremaneira, à antiga administração. Não obstante essa característica e talvez por isso mesmo, é também uma literatura única que aposta na resistência cultural e, nesse sentido, investe na recuperação de mitos e sonhos que permanecem na memória coletiva da população.ⁱⁱⁱ

Pode ser pertinente aplicar esta caracterização à boa parte das literaturas africanas, mormente as escritas em língua portuguesa e, se assim for, algumas das literaturas bissau-guineenses também podem ser assim caracterizadas, ao menos das quais se têm notícias e que se situam, não apenas, mas, sobretudo, no contexto do pós-independência. Em sua maioria, as literaturas produzidas na Guiné-Bissau são escritas por escritores “[...] herdeiros do “espírito de luta” que os alça à posição de construtores da nação e dão prosseguimento à contestação literária iniciada, sobretudo, por Amílcar Cabral” (DUTRA, 2011, p. 1000). Nas palavras de Odete Semedo, é uma literatura que encena “vozes de um povo desiludido, que se mostra traído

porque os sonhos, até então alimentados, esvaíram-se, sem realização” (SEMEDO, 2011, p. 11).

Essas concepções, para além de reafirmarem a caracterização dos escritores bissau-guineenses, como aguerridos, contestadores, revolucionários e diversos, reforçam a ideia de que a literatura não deve ser entendida como apenas a manifestação da criatividade de um artista. Ao contrário, as narrativas literárias devem extrapolar o nível puramente literário, pois elas “não são *simples* produtos de gênios solitários, a ser vistas apenas como manifestação de uma criatividade incondicionada” (SAID 1999, p. 112). Outrossim, a arte literária constitui-se de aspectos individuais sem prescindir dos aspectos coletivos. Criatividade, imaginação e contextualização são menos contraditórias do que complementares. Nenhuma produção literária surge no vazio, antes, porém, ela está diretamente atrelada à sociedade, à cultura e à história dessas sociedades.

As narrativas de muitos dos escritores africanos são exemplos das postulações anteriormente referidas e, mesmo que de modo ainda não satisfatório, estão se inserido em muitas pesquisas e debates culturais no Brasil e no mundo. É verdade que estamos diante de uma inclusão incipiente, precária e muito tímida, entretanto, não é menos verdade que já há um número expressivo de estudos que desde a década de 60 começam a fazer parte dos ensaios historiográficos e, assim, vêm alcançando um espaço pequeno, mas muito importante nas academias de alguns países. Para Laura Padilha (2002, p. 64), as antologias de poesia foram fundamentais para tirar essas literaturas “do limbo cultural onde se encontravam”.

Não obstante a emergência dos estudos dessas literaturas, no que diz respeito às literaturas da Guiné-Bissau ainda há um grande e injustificado hiato. Os estudos das literaturas africanas ainda estão muito restritos, sobretudo, às literaturas angolanas, moçambicanas e, um pouco menos, às literaturas cabo-verdianas. As são-tomenses também estão em um não lugar, a exemplo das bissau-guineenses.

Alguns pesquisadores até fazem menção ao escritor Abdulai Sila e às literaturas do seu país, ao referir-se às literaturas africanas escritas em língua portuguesa, no geral, porém, ainda não deram a atenção necessária. Inocência Mata (2009), coloca-se como uma crítica severa dessa situação, sobretudo do discurso de que na Guiné-Bissau, bem como em São Tomé e Príncipe – seu país de origem – não existe um sistema literário consolidado. Para ela, essa concepção indica que, para além do desconhecimento em consequência da falta de pesquisa, existe um problema diretamente ligado à colonização. Isto é, ainda não houve uma total libertação das amarras da colonização e, portanto, o modo como muita gente vê e pensa a África

ainda é influenciado pelo olhar da ex-metrópole, pelo modo como o colonizador via – e ainda vê – os povos africanos.

Ainda seguindo a perspectiva de Inocência da Mata, na maioria das vezes, sobretudo os brasileiros, só conhecem o que é publicado no país do ex-colonizador, no caso em questão, Portugal. Muitas produções dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa são publicadas em editoras lusitanas e quem, por qualquer motivo, não circula em Portugal, muitas vezes fica à margem do conhecimento, cai no limbo no que se refere ao exterior; entretanto, no interior dos seus países, essas produções são conhecidas, são lidas, estudadas, pesquisadas e mesmo exaltadas.

Interessa no momento observar que, em termos quantitativos, as produções literárias da Guiné-Bissau são em número menor, todavia é só observar o tamanho da população bissau-guineense – aproximadamente 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil habitantes – em relação, por exemplo, à Angola – com mais de 19 milhões. E já que estamos comparando Guiné-Bissau a Angola, vale ressaltar, ademais, que lá já existe uma política cultural à frente da Guiné e, proporcionalmente, existem mais editores e também uma política do livro que favorece em muito aos escritores, conforme nos informa Inocência Mata (2009). Não é inoportuno lembrar que a realidade atual dos países africanos de língua portuguesa remonta à colonização, já que naquele período, as políticas coloniais que, de algum modo beneficiaram Angola, por exemplo, – sobretudo no que diz respeito à criação de escolas –, não incidiu de igual maneira em Guiné-Bissau, o que tem influência na atualidade e pode justificar, em parte, a inexistência de uma produção literária mais pujante em relação à de Angola, por exemplo.

A poeta Odete Costa Semedo (2011) segue essa mesma linha de raciocínio, ao afirmar que, no tocante à educação, a Guiné-Bissau recebeu um tratamento diferenciado em relação aos outros países colonizados, e a negligência com relação à educação bissau-guineense calou possíveis vozes autóctones. Esta constatação, entretanto, não é indicativa de que atualmente não exista produção literária escrita na Guiné-Bissau, mas pode ser uma das justificativas para a pressuposição de uma produção inferior, em termos quantitativos, se comparada a outros países de colonização lusófona.

Do mesmo modo que é correto afirmar que a literatura de tradição oral existente na Guiné-Bissau antes da chegada dos portugueses – incluem-se aqui adivinhas, contos, lendas, histórias que se contavam e ainda contam nas tabancas – permanece ainda bastante vigorosa e se faz muito presente na literatura escrita da Guiné-Bissau, é correto afirmar também que esta última, mesmo que hoje ainda esteja em busca de afirmação, para usar os termos de Odete Semedo (2011), pelo menos desde os anos de 1950 já se manifestava sob a forma de “letras

avulsas, não havendo unidade temática e um estilo.” (SEMEDO, 2011, p. 10). Nas palavras dessa poeta, escritora, intelectual bissau-guineense, tais atividades podem ser caracterizadas como manifestações literárias, conforme preconizou Antonio Cândido quando distingue manifestações literárias de literatura como sistema (SEMEDO, 2011).

Seguindo esta perspectiva, não é impecioso afirmar que a precariedade das literaturas bissau-guineenses não diz respeito à falta de produção ou de qualidade, mas, sim, tem origem, principalmente, nas políticas da colonização. Dentre os fatores que têm relação com essa política, é ponto de acordo entre estudiosos, a exemplo de Pires Laranjeira (1995), Moema Augel (1998), Odete Semedo (2011), para citar apenas três,^{iv} que a resistência dos povos bissau-guineenses à ocupação portuguesa, provavelmente, constitui-se fator primordial, uma vez que é desencadeador de tantos outros. Noutras palavras, conforme postulam estes pesquisadores em relação aos outros países africanos – e nos interessam aqui os de ocupação lusitana –, a Guiné-Bissau resistiu mais prolongadamente aos colonizadores, o que ocasionou uma dificuldade de fixação desses últimos nessas terras e, conseqüentemente, dificultou também “a instauração de estruturas de colonização (escolas, serviços de utilidade pública, um corpo de agentes sociais etc., como aconteceu nas outras colônias” (LARANJEIRA, 1995, p. 356).

Semedo (2011) informa que um bom exemplo do desinteresse em criar infra-estruturas escolares é o fato de que, ao contrário do que aconteceu em Cabo Verde, por exemplo, que tinha a mesma administração da Guiné-Bissau e teve o curso secundário inaugurado desde 1860, neste último, o primeiro curso secundário só surge quase um século depois, em 1958. Como se não bastasse, dos instrumentos administrativos que objetivavam controlar e alienar os autóctones, o Estatuto do Indigenato teve um papel preponderante, uma vez que a proibição de frequentar escolas fazia parte das restrições impostas aos bissau-guineenses (SEMEDO, 2011), que eram considerados oficialmente como indígenas e não cidadãos, nos termos do Estatuto colonial.

Por sua vez, Filomena Embaló (2012), poeta e pesquisadora angolana de nascimento, mas guineense por opção, analisa o ingresso tardio da Guiné-Bissau no cenário literário como consequência de situações socioculturais desfavoráveis. Para ela, vários elementos dessa ordem e que têm raízes no passado contribuíram para esse desfavorecimento, já que tais produtos chegam à Guiné com um certo “atraso” em relação aos outros países, pelo menos os de língua oficial portuguesa. Dentre esses elementos que são cruciais na formação de uma instituição literária, Embaló aponta a política cultural como um fator fundamental, discutindo que a política educacional, além de ter chegado tardiamente na Guiné, se restringiu a aproximadamente 3% da população, ficando a maioria, 99,7% excluída do processo educacional. Da mesma forma, a

imprensa também tarda a se instalar em terras bissau-guineenses, assim como a primeira editora pública que, para além de ter chegado tardiamente em relação aos demais países – só após a independência –, não demorou muito e foi desativada.

Como se não bastassem os fatores anteriormente elencados, juntam-se a eles outros mais atuais que estão diretamente relacionados não só à falta de uma política cultural – o que se traduz na escassez ou insuficiência de incentivos e investimentos na produção e divulgação da cultura nacional – de um modo geral, mas também à falta de bibliotecas, somada à falta de editoras. Vale ressaltar que a primeira editora é de iniciativa privada, Ku Si Mon e só foi fundada em 1994 pelo escritor em estudo, Abdulai Sila.

Apesar de ser considerado por estudiosos da Guiné-Bissau como um dos intelectuais mais influentes no seu país e por pesquisadores das literaturas africanas bissau-guineenses, a exemplo de Odete Semedo (2011), Moema Parente Augel (1998, 2007), Amarino Queiroz (2007), Hildo Honório e Filomena Embaló (2010), Robson Dutra (2011), dentre outros, não só o precursor do romance bissau-guineense, mas também um escritor cidadão, “com uma vivência atenta ao mundo que o rodeia e uma procura árdua de justiça e solidariedade humana” (CAVACAS, 2002, p. 7), Sila ainda é pouco conhecido, sobretudo dos brasileiros.

Abdulai Sila: uma “literatura como missão”^{vi}

Sila^{vi} é um escritor africano negro que nasceu ainda quando a Guiné-Bissau era colônia de Portugal, em 1º de abril de 1958, em Catió – uma pequena cidade no sul da Guiné-Bissau – onde cresceu e frequentou a escola primária. Em 1970, mudou-se para Bissau, capital do país, a fim de frequentar o Liceu. De 1979 a 1985, vivendo na Alemanha, frequentou a Universidade Técnica de Dresden, onde se graduou no curso de Engenharia Eletrotécnica e participou com sucesso de vários cursos de especialização, inclusive nos Estados Unidos, na área de computação e telecomunicações. Além da paixão e compromisso para com o desenvolvimento das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), acumulou, desde sempre, o interesse pela literatura, sobretudo, escrita, mesmo tendo em conta a tradição oral, inclusive, publicando “a maior coleção de contos tradicionais, em edição bilíngue” (SILA, 2013, p. 5).

Abdulai é considerado pelos pesquisadores das literaturas da Guiné-Bissau como autor do primeiro romance bissau-guineense. Até então, esse gênero havia sido escrito por autores situados na era colonial e que não eram filhos daquele país. Sila tem textos publicados em Cabo Verde, na França e no Brasil e, além de ficção, publicou textos sobre economia, política, educação e desenvolvimento social, em revistas locais e de diversos países.

Atualmente, o escritor reúne uma obra composta de três romances – *Eterna Paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), além de dois textos dramáticos, *As Orações de Mansata* (2007), escrito sob encomenda para o teatro, e o mais recentemente publicado, *Dois tiros e uma gargalhada* (2013) – também uma peça teatral –, todos publicados pela editora da qual é um dos sócios, a Ku Si Mon. Ademais tem contos e vários artigos publicados em jornais e revistas, sobretudo do seu país, a exemplo da *Revista Soronda*. Isso sem falar no seu primeiro livro autobiográfico, escrito, mas ainda não publicado, e o que ainda está escrevendo, *Sol e Suor*.

Sila se destaca, contemporaneamente, como um membro da elite econômica da Guiné-Bissau. É reconhecido em seu país, não só como escritor, intelectual e cientista social, mas também como empresário no ramo dos serviços eletrônicos e de telecomunicações. Também, colaborou na fundação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP^{vii} – instituto que tem importância, internacionalmente reconhecida e, por isso, e pela atenção conferida por Sila, merece ao menos algumas informações.

Abdulai tem seus livros publicados pela editora da qual ele é sócio fundador, a Ku Si Mon, editora privada do país, e é, também, um dos fundadores da revista cultural *Tcholona* Revista de Letras, Artes e Cultura. É, ainda, cofundador e diretor geral da Eguitel Comunicações^{viii} – empresa privada de telecomunicações – e também cogestor da Sitec ou Silá Technologies – uma empresa de informática que criou em 1987 e é gerida em conjunto com o seu irmão. Por meio dessas empresas, o escritor vem desempenhando um papel pioneiro no desenvolvimento e difusão das tecnologias da informação e comunicação na Guiné-Bissau, empreendendo iniciativas várias para tornar essas tecnologias acessíveis e de baixo custo em todo o país.

Em entrevista ao Jornal O Marrare (2011), Sila declara o seu comprometimento com a produção cultural e a sua relação com a literatura, reiterando o valor que atribui à arte de produzir textos de ficção, que está diretamente relacionada aos propósitos de manter uma editora especializada no campo:

[...] tudo o que faço em termos culturais (escrever ficção, contribuir para a existência de uma editora de obras literárias etc) enquadra-se naquele conjunto de coisas que simplesmente *gosto de fazer*. Faz parte das atividades geradoras não de dinheiro ou de qualquer outro benefício material, mas que proporcionam imenso prazer. Fazendo parte daquilo que efetivamente *gosto de fazer*, essas atividades são, como acreditava o meu pai, imprescindíveis a essa indescritível sensação de realização (SILA, 2012, p. 3 grifos do autor).

Engajadas, com caráter de denúncia, as narrativas literárias de Abdulai Sila são marcadas por uma visão crítica do pós-independência, acentuando uma desilusão com os novos tempos, por um lado, mas, por outro, projetando uma esperança no futuro do seu país. São produções que demonstram uma preocupação do escritor com a justiça social, com a solidariedade, com a dignidade negada pelo colonizador e com a reconstrução de uma outra história da Guiné-Bissau, em particular, e africana, de modo geral.

Referindo-se ao romance *Eterna paixão*, Sila traduz, em entrevista, um pouco desses sentimentos:

Não posso esconder que quando iniciei a construção do enredo (já lá vão duas décadas), já era previsível o marasmo em que se encontra hoje o meu país. Já havia provas reais de que o “espírito da luta” já não existia mais, que os nossos concidadãos, que ontem abnegadamente participaram na concretização daquilo que para mim foi o maior feito deste povo no século passado – acabar com a colonização, aprofundando o processo de construção daquilo que Amílcar Cabral chamou de “Nação africana forjada na luta” –, estavam incompreensivelmente a enveredar por uma via em todos os sentidos oposta àquela que tinha sido anunciada. Estava acontecendo tanta coisa, tão nociva quanto ininteligível, assistia-se ao desmoronar de tantos sonhos “legítimos”, assistia-se a um defasamento cada dia maior entre o discurso político e a prática diária [...] (SILA, 2012, p. 4).

A assertiva mencionada pode suscitar muitas leituras, dentre as quais a de que a literatura de Sila constitui-se como uma literatura de “vanguarda” no sentido em que uma de suas funções é servir como meio de luta social e contestação de modelos, atitudes, valores que estão na contramão, no caso da Guiné-Bissau, do que havia sido anunciado nas lutas contra o poder colonial. Seria uma “literatura como missão”, nos termos de Nicolau Sevcenko (1983), isto é, uma literatura utilizada como ação política, social e econômica, denunciando e propondo soluções para as mazelas vividas pela sociedade bissau-guineense naquele período de intensas transformações de valores nesta sociedade e suas culturas.

Artista e intelectual colonizado, Sila assume a responsabilidade de discutir as relações sociais do ponto de vista de um discurso não hegemônico e pensando numa dimensão coletiva, como ele mesmo expõe:

E essa realização pessoal, numa primeira etapa, adquire uma dimensão coletiva e extraordinária quando se tem em conta que, como você disse, poucos são os meus concidadãos que sabem ler ou se podem dar ao luxo de comprar um livro. E sabe por quê? Apesar da triste e anômala situação decorrente do fato de tanto o Governo como o Parlamento contar com elementos com capacidade muito limitada em termos de leitura/escrita, há um consenso a nível do povo em torno do valor e utilidade de se ser alfabetizado. Assim, se continuamos a ter uma taxa inaceitável de analfabetos é porque algo está errado. E esse *algo* vem de há muito tempo. Devo talvez lembrar que o meu primeiro emprego foi na alfabetização. Sempre achei que uma das

maiores injustiças praticadas pelo colonialismo português foi justamente ter deixado tanta gente fora do sistema educativo, reduzindo dessa forma a sua possibilidade de promoção individual e coletiva. Trinta e cinco anos mais tarde constatar que essa injustiça continua sendo praticada é deveras frustrante! Nesse contexto, torna-se dever de cidadão intervir de modo a que essa injustiça seja banida. E o primeiro passo nessa direção é fazer com que esse *algo* a que me referi anteriormente como estrangulamento seja paulatinamente eliminado (SILA, 2012, p. 6).

Essa passagem é longa, mas a opção por reproduzi-la na íntegra deve-se ao motivo de considerá-la bastante significativa, principalmente ao se pensar que nos livros de Sila a presença do professor, inclusive grafado com letra maiúscula, e as passagens que fazem referência ao trabalho do magistério são recorrentes, não sendo difícil imaginar, portanto, que o escritor atribui importância singular à educação para a cidadania. Como o intelectual afirma na passagem, só é possível a construção do país, se houver um engajamento maciço nessa tarefa, um engajamento que pressupõe um esforço coletivo, mas que só será exequível se as pessoas tiverem um nível de instrução condizente com a enormidade da tarefa e se a elas for garantido o exercício pleno da cidadania, a qual tem suporte na educação formal. Por isso o entusiasmo do escritor na educação de adultos (SILA, 2012), uma educação que tem no método de Paulo Freire^{ix} o modelo, já que, para além de ler e escrever, a educação deve capacitar o indivíduo para exercer suas funções de cidadão.

Nos anos 1970, após a independência, Sila fez parte da Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização de adultos em Bissau. Naquela oportunidade, conheceu o educador brasileiro Paulo Freire^x, que fora convidado pelo governo bissau-guineense para contribuir com a educação no país recém-independente, cuja taxa de analfabetismo chegava a 90%, para aplicar o seu método de educação de adultos. Esse educador defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Desde essa época, já é possível observar o engajamento político de Sila com a sociedade de Bissau e, mais do que isso, uma aposta nas pessoas, no país, na educação, como forma de construção de uma outra história

Até o momento, Sila publicou três romances, *Eterna Paixão*, 1994; *A última tragédia*, escrito em 1984, mas só publicado pela primeira vez em 1995, devido ao regime ditatorial que se instalou no país nos anos oitenta e *Mistida*, em 1997. Dois textos dramáticos, *As Orações de Mansata*, em 2007 e, em 2013, *Dois tiros e uma gargalhada*, além das publicações de artigos em revistas literárias e de economia

Uma história em três romances

Nas narrativas de Sila, é possível observar a tênue fronteira entre Literatura e História, sobretudo no que diz respeito às histórias de lutas e resistências da população bissau-guineense no enfrentamento ao poder colonial. Desnecessário é ressaltar que História e Literatura sempre mantiveram relações muito próximas, mesmo porque é da História que a Literatura extrai grande parte do material a ser utilizado no texto literário, e, conforme lembra Antoine Compagnon (2003), o trabalho com o texto literário não pode se limitar à análise dos seus aspectos linguísticos; para além desses aspectos é produtivo considerar os aspectos extralinguísticos, incluindo, dentre estes, o contexto, os fatos históricos que perpassam o momento não apenas a que a obra se refere, mas, sobretudo, em que foi produzida, tendo em vista que a literatura é concebida “em suas relações com a nação e com sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são antes de tudo nacionais” (COMPAGNON, 2003, p. 33).

A literatura, portanto, inscreve-se numa sociedade, numa determinada época, numa determinada cultura e, portanto, varia conforme a variação desses elementos. Inevitavelmente, ela expressa o contexto geral de uma certa realidade, embora não se possa perder de vista que a literatura não reflete uma realidade, mas a representa, como representa os homens e a relação deles com a sociedade, constituindo-se, então, como “pinturas da realidade”

O romance *Eterna paixão* não foi o primeiro livro escrito por Sila, mas o primeiro a ser publicado, saindo à frente de *A última tragédia*, o qual foi produzido anteriormente. O motivo dessa inversão quem conta é o próprio autor:

Eu acho que pelo tema, sim... Nós sentíamos uma vontade de dizer certas coisas... Acho que é bom recordar como comecei a escrever... Não comecei com poemas de amor. Isso influenciou-me bastante, o que escrevi tem muito que ver com as minhas vivências. Acho que *Eterna Paixão* reflectia de certa forma aquela vivência do momento. Era essa a mensagem mais atual (SILA, 2002, p. 9).

A fala de Abdulai Sila, expressa nesse excerto, não deixa dúvidas de que o enredo de *Eterna paixão* está diretamente relacionado ao contexto histórico e político por que passava a Guiné-Bissau entre os anos 80 e 90. Quando da escrita de *A última tragédia*, na década de 80, segundo Carlos Lopes (1982) e Carlos Cardoso (2011), a Guiné-Bissau passava por momentos difíceis, sobretudo, no plano econômico, o que desencadeou conflitos que culminaram em um golpe de Estado. Com o golpe militar, o seu primeiro presidente da República, Luís Cabral, irmão do líder Amílcar Cabral, foi deposto, após governar a Guiné a partir de 1974, quando a sua independência foi reconhecida por Portugal.

Voltando a *Eterna paixão*, com a liberdade de imprensa, apesar de já ter *A última tragédia* pronto para ser publicado, motivado pelo contexto brevemente mencionado, Sila decide adiar a sua publicação, mas trazer a público algo que, de algum modo, refletisse aquele contexto já que “Era essa a mensagem mais atual” (SILA, 2002, p. 9).

Eterna paixão “se passa, justamente, entre os anos de afirmação política até a abertura para novos partidos” (BISPO, 2013, p. 84). Sila, através de um protagonista afro-americano, Daniel Baldwin, apresenta uma visão crítica da época pós-independência no seu país. Baldwin, influenciado pelas ideias do personagem Mark Garvey,^{xi} transforma-se num dos principais ativistas e, posteriormente, presidente de uma organização de estudantes universitários – o *Africa Commitee* – em prol do continente africano, “donde diziam ter saído seus antepassados”. Com a liderança de Baldwin, o *Africa Commitee* desenvolve-se e, de um pequeno grupo, salta para uma organização que reunia a maioria dos estudantes afro-americanos de Atlanta, Estados Unidos. À frente da organização, Dan – como também era conhecido Daniel Baldwin –, revela-se um líder carismático, engajado, dedicado e com um espírito de iniciativa exemplar, bem aos moldes do líder Amílcar Cabral. Após formar-se em engenheiro agrônomo, imigra para um país africano de nome não revelado, disposto a contribuir com os seus conhecimentos e seu trabalho para a construção daquela nação, livre do jugo colonialista.

A partida de Daniel Baldwin para o país africano deveu-se à sua participação num concurso – *As Vias para o Desenvolvimento* –, no qual os estudantes deveriam apresentar propostas originais para o desenvolvimento da África. Dan participou com vitória no concurso e, assim, tem a oportunidade de conhecer alguns membros de uma embaixada africana e, dentre estes, sua futura esposa Ruth, que “logo foi capaz de provocar nele a mesma fascinação e interesse que a África motivava” (VALANDRO, 2001, p. 74), por quem se apaixona, casa e parte para esse continente.

Em solo africano, o casal torna-se funcionário do governo e, se por um lado Dan prossegue com suas convicções de, com o seu trabalho, contribuir para o desenvolvimento africano, com a construção de uma África justa, solidária, livre, unida, por outro, Ruth se afasta desses ideais, que por sinal aproximaram o casal, e Daniel acaba sendo vítima de dupla traição, uma vez que a mulher não só passa a manter um relacionamento com um membro do governo, um indivíduo corrupto, mas, para além disso, trai o país se envolvendo em negociatas. Daniel começa a conhecer outra face da personalidade de sua esposa e, em meio a uma sequência de turbulências, o casamento se desfaz, junto com a esperança de Dan de (re)construir aquele lugar.

Da mesma forma que passa a conhecer uma outra Ruth, Baldwin também toma consciência de uma outra África: “[...] aquela com cara cruel, que reprimia barbaramente; [...] aquela com mãos sanguinárias, que assassinava nas prisões; [...] outra de olhos vedados, perdida na corrupção; e [...] a outra ainda...” (SILA, 2002. p. 241).

O protagonista Daniel Baldwin, contudo, desiste daquele lugar, mas não desiste da África como um todo, não abandona seu sonho de contribuir para uma África melhor, não perde a esperança de tudo. É nessa perspectiva que Dan, juntamente com Mbubi – personagem feminina que tem importância singular no enredo, “mulher de meia idade, guardiã das tradições do seu povo, em cujo seio Daniel encontra consolo e apoio” (AUGEL, 1998, p. 336), parte para Woyowayan, um lugarejo onde põe em prática o seu projeto desenvolvimentista que lhe rendeu o prêmio no concurso já mencionado. Recuperou a economia daquele lugar, criando escolas para as crianças, jovens e adultos, fundou clubes e cooperativas, tudo com base na ideia de desenvolvimento a partir da agricultura, já que “desenvolveu um sistema que tornou a aldeia agricolamente sustentável” (BISPO, 2013, p. 85). Lá “o professor”, como era conhecido, viveu sua “eterna paixão”.

Em *Eterna paixão*, a escolha de Sila por um afro-americano para protagonizar o enredo do romance enfatiza, primeiro, as concepções carregadas de estereótipos negativos acerca do continente africano como um todo, não deixando dúvidas da eficácia do discurso divulgado pelo mundo ocidental, como depois, especificamente, no excerto, a referência às concepções pan-africanistas nas palavras do amigo de Baldwin, cujo nome não deixa dúvidas da referência do narrador a um dos ativistas do movimento Pan-Africanista, Marcus Garvey e o nome do personagem.

Enquanto em *Eterna paixão* Sila faz alusão à euforia inicial em contraste com a posterior desilusão aos anos que se seguiram à independência, em *A última tragédia*, romance escrito antes de *Eterna paixão*, mas só publicado depois deste, mais especificamente, em 1995, o escritor recua no tempo e traz à tona os anos finais da colonização, representando toda a movimentação que sucedeu à independência. Em ambas as narrativas, delinea-se o compromisso do escritor com a sua terra e, como afirma Érica Bispo, com a “função de provocar a reflexão, ocupando uma posição entre o ficcionista e o historiador, Sila escreve sobre ‘o que poderia ter acontecido’” (2013, p. 40).^{xii}

Em *A última tragédia*, os personagens, sobretudo os protagonistas, se é verdade que aparecem como vítimas do preconceito e discriminação – inclusive racial – da exclusão, da

imposição cultural, da violência física ou simbólica, não é menos verdade que, por outro lado, muitas vezes de formas diferenciadas, reagem, desafiam, resistem à empresa colonial. É possível afirmar que, no empreendimento de Sila, pode ser lida uma decisão deliberada de revisar as histórias divulgadas sobre o continente africano e suas populações, investindo numa outra história africana, no geral e, especificamente, da Guiné-Bissau. Ou, segundo essa possibilidade de leitura, é possível afirmar que esses personagens, a exemplo de Ndani, uma menina de 13 anos que sai da zona rural para se empregar como doméstica na cidade grande, do Régulo Bsum Nanki e do professor, constituem-se como exemplos de resistência ao poder colonial, como exemplos de autodeterminação e que com suas atitudes vão se inscrevendo na história de modo a servir de exemplos aos concidadãos bissau-guineenses. Pode-se pensar, ainda, que com esses exemplos Sila vai definindo os elementos que para ele configuram uma nação. Pensando com Laura Padilha, pode-se ler *A última tragédia* como uma narrativa que recua no tempo, não só no intuito de apontar como o poder colonial violentou as populações africanas, escravizando-as, impondo culturas, religião, valores, determinando apropriações de territórios, mas, para além disso, objetivando marcar como os africanos reagiram, inclusive dificultando algumas ações do poder colonial.

A última tragédia concentra-se em três histórias principais: a de Ndani, a do Professor e a de Bsum Nanki, Régulo de Quinhamel. Ndani é uma jovem que, aos treze anos, foge da aldeia em que morava, Biombo, a fim de escapar da sina vaticinada por um *Djambacus* de que era portadora de má sorte. Na capital, Bissau, passa a trabalhar como empregada doméstica de um casal português e, assim, é alvo das tentativas de sua patroa de impor-lhe a religião, um nome europeu, roupas, e ainda sofre as humilhações impostas pelos patrões. Livra-se de sua patroa, submetendo-se a um casamento forçado com O Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, e, viúva do Régulo, assume sua paixão pelo professor da aldeia.

O professor é um africano negro, filho da terra e filho de *Obem Ko* – um camponês famoso pela sua altivez, rebeldia e resistência contra a autoridade instituída, o que resultou em sua morte. O professor foi escolhido pelo Régulo para atuar na escola da aldeia – escola fundada pelo Régulo – e, apesar de assimilado, é um homem digno e altivo que reage violentamente ao poder colonial. Provavelmente, por isso, terá o mesmo destino do pai.

Finalmente, o terceiro personagem, mas não menos importante protagonista, é o Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, chefe tradicional de uma aldeia, Quinhamel, bastante respeitado e cheio de sabedoria e ideias muito pessoais de liberdade, dignidade e autodeterminação. Bsum

Nanki pode ser lido como a representação do pensamento de Amílcar Cabral, sobretudo no que se refere à importância de os colonizados se unirem para pensar, pois só assim é possível derrotar o branco colonizador. Conforme salienta Moema Augel, “mais ainda que o professor e Ndani, [o régulo] seria como que a encarnação da contestação e da resistência inteligente” (1998, p. 13). Para ela, Sila reúne num mesmo romance três protagonistas fundamentais na desconstrução do povo africano como passivo, resignado, pois: Ndani, o Professor e o Régulo são a antítese da imagem do colonizado servil e incapaz, contrariando o discurso colonial que asfixia o africano dentro dos limites rígidos do estereótipo [...].

No que se refere a *Mistida*, o último livro da trilogia, publicado em 1997, encontra-se diante de uma narrativa muito diferente no que se refere à forma. Ao invés de um romance no modelo convencional, o que se observa é um livro com dez histórias, *storia em kriol*, que lembram capítulos, à primeira vista separados entre si, e que mais parece uma coletânea de contos. Na estrutura, a diferença reafirma-se, de tal modo que “cada episódio pode ser lido separadamente e constitui uma história completa, nem sempre havendo, à primeira vista, uma ligação lógica entre os capítulos” (AUGEL, 1998, p. 347). Não obstante, trata-se de histórias que têm em comum o fato de pertencerem a protagonistas que tiveram experiências traumáticas e, por isso mesmo, “todos tinham uma *mistida* urgente a safar.” (SILA, 1987, p. 83).

Uma das várias singularidades desse livro diz respeito ao seu título. Segundo Augel (2007, p. 315), “é o único livro de Sila na língua guineense”. *Mistida* remete a algo como desejo, objetivo, aquilo que se quer. Apesar do caos reinante na sociedade africana, todos desejariam algo melhor, presumido na expressão *safar mistida*. É o próprio autor, conforme Russell Hamilton, quem esclarece o significado de *mistida*:

“Mistida” significa amor, desejo, ambição, afazer, etc. No entanto deve-se salientar que, ultimamente, este termo tem adquirido outros significados, que não têm nada a ver com a sua origem etimológica, nomeadamente, negócio, compromisso, etc. De facto, o seu significado só pode ser determinado no contexto de uma frase específica, tantos são seus possíveis significados e/ou sentidos. Deste modo, “safar uma mistida” (esta é a expressão que se usa) pode significar tanto ir beber um copo de vinho de caju, como concretizar um negócio, participar numa reunião de partido ou ainda fazer amor com uma amante. (HAMILTON, 1999, p. 20-21).

Outra leitura que pode ser feita desse livro requer uma investigação voltada para os estudos sobre intertextualidade, já que é possível observar referências e mesmo um diálogo explícito com os livros anteriormente publicados, *Eterna Paixão* e *A Última Tragédia* e até com

os que nem foram publicados ainda, como *Sol e Suor* e *Memórias Somânticas*. Especialmente e explicitamente no décimo e último capítulo de *Mistida*, intitulado *Kambansa*, encontram-se referências a esses livros:

Não tenho dúvidas que ainda haja alguém que acredite em mim, menos ainda no que escrevo... Por isso, o melhor mesmo é não dizer mais nada, pelo menos por agora. Mas talvez seja possível que o que não possa revelar-lhe agora venha a ser detectado no *Sol e suor* ou, quem sabe, nas *Memórias somânticas*. Depende (SILA, 2002, p. 463).

Como também é possível encontrar Ndani e Mboubi como parte da história: “Mboubi ainda ficou alguns instantes a seguir a marcha de Ndani e seus meninos, os quais, confirmou-o, traziam vestidos, todos eles, uniformes da mesma cor e do mesmo tecido.” (SILA, 2002, p. 462).

No que se refere ao conteúdo, o livro segue a mesma linha temática dos demais, uma vez que também traz uma história que, no geral, intenta fazer uma denúncia dos caminhos tortuosos do poder bissau-guineense no pós-independência e, assim afirma uma desilusão que passou a ser companheira fiel de grande parte das populações da Guiné-Bissau. Concomitantemente, o autor trata da esperança em uma África de fato livre, autônoma, igual no diverso, justa, solidária e progressista. “A **Mistida** é o dia-a-dia, é o hoje da Guiné-Bissau...” (SILA, 2002, p. 10. grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. *A utilização dos recursos da cartografia conduzida para uma África desmistificada*. Revista Humanidades, São Paulo, n. 22, p. 12-32, 1989.

AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998.

_____. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BISPO, Erica Cristina. *Eternos descompassos...: faces do trágico em Abdulai Sila*. 2013. 195 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Literaturas Portuguesa e Africanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

CABRAL, Amílcar. *A cultura nacional*. In: COMITINI, Carlos. *Amílcar Cabral: a arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. p 56-92.

CARDOSO, Carlos. *Revisitando o conceito de desenvolvimento no pensamento de Amílcar Cabral*. Disponível em <<http://www.didinho.org/amilcabcabral.html>>. Acesso em 20 nov. 2011.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

DUTRA, Robson. *O teatro guineense contemporâneo*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA (ABRAPLIP), 23., 2011. Anais... São Luís. São Luís: Abralip, 2011.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?: entrevista com René Holenstein*. Trad. de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana: literatura necessária*. Lisboa: 70, 1984.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Carlos. (Org.). *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: Unesp, 2012.

MATA, Inocência da. *A essência dos caminhos que se entrecruzam*. Revista Crioula, n. 5, maio 2009. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlev/revistas/crioula>. Acesso em: 20 set. 2011.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana 2007*. 310 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br>>. Acesso em: 3 out. 2013.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SEMEDO, Odete Costa. *Guiné-Bissau: Histórias, culturas, sociedades e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Literatura guineense: entre a (re)criação e os atalhos da história*. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa. *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*. Porto: Edições Afrontamento, 2011. p. 17-48.

SILA, Abdulai. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. *Dois tiros e uma gargalhada*. Bissau: Ku Si Mon, 2013.

_____. *Mistida* (Trilogia). Praia: Centro Cultural Português Praia-Mindelo, 2002.

_____. *O livro como arma*. Entrevista concedida a Erica Cristina Bispo. *O Marrare*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 13, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

VALANDRO, Letícia. *A difícil Mistida guineense: nação e identidade da Guiné-Bissau através da Trilogia de Abdulai Sila*. 2011. 133p. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em: 3 mar. 2013.

ⁱDoutora em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais-CEAO e Mestre em Letras pelo Instituto de Letras e Linguística-ILUFBA, ambos da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Especialista em Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Professora de Literaturas e Estágio Supervisionado no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus V e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-brasileiros-AFROUNEB, no mesmo campus. É membro do grupo de pesquisa FIRMINA - POS-COLONIALIDADE: Educação, História, Cultura e Ações Afirmativas – UNEB.

ⁱⁱ O termo pedagógico está sendo usado aqui no seu sentido literal, qual seja de ensinamento, instrução.

ⁱⁱⁱ Não são poucos os poetas e prosadores que servem de exemplo à afirmação. Em meio a outros autores e obras podem ser destacados Odete Semedo com “No fundo do canto”, Pepetela, com “Mayombe”, e “A geração da utopia”, Manuel Rui e “Quem me dera ser onda”.

^{iv} Refiro-me aqui basicamente aos livros *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, *A nova literatura da Guiné-Bissau*, *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*, de Pires Laranjeira, Moema Parente Augel e Odete Semedo (esta como uma das organizadoras), respectivamente.

^v A expressão “Literatura como missão” é tomada de empréstimo de Nicolau Sevcenko, no livro **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República (1983), cuja discussão versa sobre a literatura como meio de luta, contestação e denúncia social e o autor elege os escritores Lima Barreto e Euclides da Cunha como protagonistas de uma literatura como meio de comunicação entre eles e a população num momento de transição importantíssimo no Brasil, qual seja: a transição da Monarquia para a República.

^{vi} Grande parte das informações acerca do escritor é de sua própria autoria e foram colhidas a partir das entrevistas concedidas pelo escritor. Uma foi concedida a Fernandes Cavacas, no jornal online Irohin no site <www.irohin.org.br> e depois foi transcrita em *Mistida* (Trilogia), a outra a Erica Bispo no periódico *O Marrare* – Periódico com o nome de Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, disponível no site <www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>. E uma terceira entrevista que me foi concedida através de correio eletrônico no ano de 2013.

^{vii} O INEP foi fundado em 1984 e tem como objetivos principais promover os estudos e pesquisas no domínio das ciências sociais e naturais relacionados com os problemas de desenvolvimento do país e contribuir para a valorização dos recursos humanos locais. É um ponto de referência nacional e internacional de reflexão científica sobre a África Ocidental em geral e a Guiné-Bissau em particular.

^{viii} A Eguitel é titular das licenças e autorizações que a permitem atuar como Operador de Telecomunicações, incluindo o direito de acesso direto internacional via VSAT e fornecimento de telefonia via Internet (VoIP). A Eguitel é a principal fornecedora de Internet na Guiné-Bissau e objetiva tornar o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) uma realidade na Guiné-Bissau e a Internet um meio privilegiado de acesso à informação e ao conhecimento, disponível para todos e em todo o país, segundo ela mesma informa no site <<http://www.grupo-sitec.com/as-empresas/eguitel>>.

^{ix} Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, que se destacou pelo seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política. é inspirador de um método revolucionário que alfabetizava em 40 horas, sem cartilha ou material didático. Freire achava que o problema central do homem não era o simples alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua dignidade enquanto homem. Segundo ele, o homem que detém a crença em si mesmo é capaz de dominar os instrumentos de ação à sua disposição, incluindo a leitura. Freire concebe educação como reflexão sobre a realidade existencial. A aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma releitura do mundo. Ele parte da visão de um mundo *em aberto*, isto é, a ser transformado em diversas direções pela ação dos homens.

^x Autor do livro *Pedagogia do Oprimido* (1970), o qual apresenta um método de alfabetização dialético, Freire se diferenciou do "vanguardismo" dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático. Em 1964, foi preso e exilado na Bolívia por conta do enfrentamento à ditadura militar. Foi consultor educacional em países da Europa, assim como consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, especialmente na Guiné-Bissau e Moçambique.

^{xi} Jamaicano, apoiou a luta dos afro-americanos em prol de maior justiça e menos discriminação. Foi o idealizador do Pan-Africanismo e fundador da *Universal Negro Improvement Association* (1914), que esteve à frente de um movimento que preconizava a volta à África (*Come back to Africa*), de grande repercussão nas décadas de vinte e trinta nos Estados Unidos.

^{xii} A expressão entre aspas é ideia de Aristóteles, citada pela pesquisadora Érica Bispo na tese (2013), que aqui prefere-se articular com a concepção de história de Walter Benjamin, enquanto ruínas e aquilo que poderia ter sido e não foi, percebida nos textos de Sila.